



Meral Kureyshi

Elefanten im Garten

Elefantes no jardim

Limmat Verlag, Zürich, 2015

ISBN 978-3-85791-784-4

Excerto traduzido por Neuza da Silva Faustino

E-mail: neuzadasilvafaustino@gmail.com

Páginas 5-16

O teu caixão está na terra. Querias ser enterrado em Prizren. Há um mês envolvo o meu cabelo num lenço branco e rezo o “Yasin”, a oração dos mortos, por ti.

Da janela do oitavo andar vejo a Anne sair de casa. Sei que traz um cigarro Marlboro colado aos lábios. Na mala dela, que deve ser mais velha do que eu, traz pelo menos um maço de cigarros vermelho e branco. Mal saiu de casa, acendeu um com o isqueiro previamente aquecido na mão. Dá um trago e fecha ligeiramente os olhos ao fazê-lo, como se algo a ofuscasse. Incha-lhe o peito. Quando expira, desaparece por um breve momento numa nuvem de fumo. Ela não gosta de fumar sozinha, nunca gostou, e agora está ali, que nem um fogareiro, do qual ninguém precisa no verão.

O Baba quis fazer com que ela deixasse de fumar. A Anne expirava-lhe o fumo para a cara e dizia-lhe que um bom vinho pede um cigarro e, quando deixou de beber álcool, dizia-lhe que um bom café pede um cigarro.

A mala é de couro de porco, que é o mais barato. É grande e tem uma alça longa, para que no inverno se possa colocar a tiracolo, por cima do ombro almofadado. Quando nela procurei por uma pinça, descobri-lhe um pequeno compartimento interior. O fecho éclair assemelha-se a uma ferida, uma ferida que foi costurada, cujos fios, porém, nunca chegaram a ser puxados. Abro a mala, ranhura por ranhura, e encontro um pente em madeira que te pertenceu.

A Anne retira da mala o bastão desdobrável. Vejo como é movido em gestos alongados da esquerda para a direita. Chegaram hoje dois bastões novos pelo correio; o antigo tem a ponta desgastada.

Irias gostar do apartamento novo. O soalho não é alcatifado e da varanda do oitavo andar pode ver-se além dos telhados e para dentro das casas dos outros. Bümpliz sempre te agradou. Vinhas para cá fazer compras, muitos dos teus amigos viviam aqui, e numa mesquita, na cave de um arranha-céus, rezavas com um grupo de homens albaneses a oração de *Bayram*.

Durante cinco anos procurámos por um apartamento. Nos subúrbios de Berna encontrámos, após a tua morte, um apartamento num prédio alto, no qual vivem vinte e sete famílias estrangeiras e três suíças.

- Fala bem o alemão – disse-me a senhoria em bom som.

- Vivemos aqui, na Suíça, desde os meus dez anos – respondi-lhe. Desde que viemos viver para aqui que tencionamos decorar as paredes com quadros. Elas continuam despidas.

A Anne vai sozinha para a escola dos invisuais, às compras no Alima, um supermercado turco, e de comboio para Biel visitar a sua amiga Emine. Uma vez por mês vem o Franz, para ensaiar com ela novos percursos, que depois nos mostra toda orgulhosa,

enquanto caminha à nossa frente e nós atrás dela. – A família dos patos – grita a Maria do quinto andar. Ela sabe quem se zangou com quem no prédio, quem não limpou a máquina após lavar a roupa e quem não removeu o algodão das roupas no secador.

O meu irmão fez vinte e dois anos, é dois anos mais novo do que eu. De vez em quando vai à escola, quer ser desenhador gráfico, dorme metade do dia e tem o quarto sempre às escuras e sujo. A minha irmã, para quem sou mais mãe do que a mãe dela, a minha mãe, a nossa mãe, é dez anos mais nova do que eu. A minha irmã é guardada pela Anne como se fosse uma joia preciosa e frágil. A Anne nunca nos cuidou assim. Durante muito tempo, batia no rabo do meu irmão com urtigas quando ele, em criança, fazia chichi na cama.

Procuro por demais objetos na ferida aberta e dou com um papel dobrado. É a carta que nos enviaste no verão de 1991 de Istambul. Passaram quinze anos desde então. Nela está escrito que queres ir para a Suíça e pedes-nos para te seguirmos, para confiarmos em ti. Escreves tudo em letra maiúscula.

A carta está dobrada em quatro, o papel algo amarelado nas dobras. – Uma letra de médico – oiço-te dizer. Não foste médico, limpavas os consultórios e, quando vínhamos visitar-te, vestias a bata branca, pendurada atrás da porta, e nós sentávamo-nos na marquesa, sobre a qual estenderas um papel branco, respirávamos fundo e expirávamos novamente, para que pudesses auscultar-nos.

Quando a carta chegou, a Anne ficou sentada no sofá do nosso pequeno apartamento, no bairro de Kurila em Prizren, e chorou. O meu irmão dormia debaixo da mesa, em cima da sua almofada. Eu encontrava-me junto à porta de casa que estava aberta. O vento soprava folhas amarelas para a divisão. Era um vento quente, que me fazia cócegas debaixo dos braços. Quando a Anne se levantou para ir até à soleira da porta e passou por mim, a minha cabeça voltou-se para ela e depois virou-se de novo. Um olho castanho espreitou por debaixo da mesa. Ouvi a voz de Anne vinda de longe: - O Baba não vem para casa.

Quando passei a língua pelos lábios souberam-me a sal.

- As pessoas são salgadas – disse-me uma vez o Dede, o meu avô.
- Onde está o Baba?
- Eu não sei, eu não sei, eu não sei!

A Anne pôs a cabeça entre as mãos. Naquele dia, a Anne leu-nos a carta de Baba e escreveu-lhe de volta. Hoje escorrem-nos as palavras dela entre os dedos e os olhos dela veem através das nossas palavras.

A Anne caminha como se pudesse ver. Quando para de repente, debruço-me da janela.

- Aconteceu alguma coisa? Queres que desça?

Ela ri-se, volta-se e desaparece no hall da entrada. Preocupada, precipito-me para o elevador.

- Esqueceste-te de me maquilhar.

A Anne “encoiceia” o seu bastão. É assim que ela chama o procedimento. No apartamento não precisa dele. Ela vai para a casa de banho, baixa o tampo da sanita, senta-se em cima dele e fecha os olhos. Com os meus dedos espalho o pó de arroz no rosto dela, tento disfarçar as partes avermelhadas nas faces. Sinto a pele dela um pouco áspera.

- Abre os olhos.

- Como estou? Há dez anos que não me vejo.

- Pareces a Fatma Girik.

Ela coloca o lenço branco sobre os caracóis escuros.

Senti vergonha dela. Ninguém na nossa família usava um lenço na cabeça, por que razão teria ela de usá-lo, justamente agora, aqui, na Suíça, ocorreu-me, e disse-lho. Que pensasse, antes de falar, respondeu-me a Anne. Foi por isso que comecei a escrever. Assim, podia colocar na escrita o que pensava, sem ninguém me dizer que pensasse primeiro.

Já tinha vergonha por não podermos comprar roupas novas, por cortarmos o cabelo uns aos outros, por sermos os únicos sem carro e sem telefone, e agora a Anne ainda fazia questão de usar um lenço na cabeça. Antes éramos diferentes dos outros, agora éramos os outros.

Na cozinha a Anne retira uma garrafa de Coca-cola do frigorífico. Diz que engorda sem comer nada, só de olhar, os quilos duplicam nas ancas dela.

Penso nas fotografias que traz na mala. Não tenho de me esconder dela para a revistar, posso fazê-lo diante dos seus olhos, que não me veem, enquanto toma pequenos goles da sua Coca-cola e se ri. Sinto vergonha.

As fotografias mostram-te a dançar com a Anne, abraçados um ao outro, em cima da mesa estão muitas garrafas de vinho e o risco do eyeliner debaixo dos olhos da Anne está esborratado. Os lábios vermelhos. As unhas vermelhas. Numa das fotografias beijam-se. Numa outra, está sentada no teu colo e ri-se, a cabeça atirada para trás, com um braço em redor do teu pescoço. As bochechas de Anne incham. Com a boca levemente aberta deixa escapar um arrote.

- Que nojo, nunca mais faças isso.

Afasto-me para o meu quarto e bato com a porta. Oiço-a a rir-se.

A porta da rua fecha-se no trinco. Levanto-me logo e vou para junto da janela. O inverno trava a sua guerra anual com o outono, em breve ganhará a batalha. Espero que ela surja do hall de entrada, acenda o cigarro, procure o bastão para os invisuais na mala. Esquerda, direita, esquerda, direita. Antes da última curva, volta-se com um sorriso largo estampado no rosto. Ela sabe que lhe aceno com a mão.

Há dias em que o primeiro de setembro parece tão longe, que não me consigo lembrar de ti, não do teu rosto, não do teu cheiro, não das tuas mãos.

Também a tua voz se esvanece mais e mais do meu ouvido.

Temo que um dia tenhas desaparecido de vez.

Das minhas memórias, da minha boca, da minha cara. A Aga diz que sou parecida contigo.

Noutras alturas parece-me teres morrido há poucos dias.

Estás sem vida em cima da cama.

Sem riso no teu rosto.

Sem movimento nas tuas mãos.

Nenhum olhar sob as pálpebras descidas.

O teu maxilar está atado com o meu lenço rosa.

A Anne estava de pé ao lado do Baba.

A minha irmã estava sentada na cadeira ao lado dele, cabisbaixa. Os cabelos tapavam-lhe o rosto. De vez em quando caía-lhe uma lágrima da ponta do nariz para as costas da mão.

O meu irmão tentava manter-se forte, tentava não me olhar nos olhos, tentava não dizer palavra alguma, tentava respirar regularmente. O meu irmão tentava ser um homem.

Eu via o queixo dele tremer, tal como o meu tremia. A mão de Baba encontrava-se na minha, não sei durante quanto tempo.

A dada altura, já escurecera, claro era o quarto iluminado no hospital de Berna. A mão dele tornara-se fria e pálida. Inclinei-me e beijei-a três vezes, enquanto a conduzia alternadamente à minha testa e de regresso aos lábios.

- Perdo-te o que aconteceu nesta terra. Por favor, perdoa-me também.

Por vezes, o Baba pedia que lhe fiassem os alimentos na padaria em Neuenegg. Numa dessas vezes, eu estava com ele. Encontrava-me atrás dele, junto à caixa, quando em tom baixo, um pouco inclinado para a frente, ele perguntou à senhora que mal conhecia, que sorria sempre para mim, que cheirava a comida para gato da boca, que tinha um marido sérvio, que geria a padaria e que era muito simpático connosco, se podia comprar fiado. Agradeceu com um sorriso, levou a mão ao peito e inclinou a cabeça. Eu tinha posto no saco o pão, a manteiga, o chocolate para barrar, alguns vegetais e o leite. O Baba pegara logo no pequeno maço de cigarros. Quando chegámos à rua, acendeu logo um. Soprou círculos de encontro ao céu, eu ri-me. Foi justamente naquele momento, tinha eu apenas doze anos quando ele estava ao

meu lado com aquele brilho nos olhos, que jurei para mim mesma que um dia teria tanto dinheiro, que o Baba e a Anne nunca mais teriam de comprar fiado.

Jurei, tão alto quanto possível, entre os círculos de fumo que subiam ao céu.

A Anne e eu vimos dos Armazéns Globus, onde comprámos loiça bonita, cheirámos perfumes, afagámos camisolas de caxemira. Arrefeceu.

A Anne pergunta-me se tenho uma camisola quente, digo que sim. Ela pergunta-me quanto custou. Diz-me que o dinheiro vem do diabo. Que com ele podemos distrair da vida as pessoas, equivocá-las, defraudá-las, fazê-las feliz, matar.

Fomos até à cidade, passeámos pelas lojas, primeiro na Loeb, depois na Vögele, mais tarde na C&A e, por fim, na EPA. Cada um de nós pôde escolher algo para si. Eu primeiro verificava a etiqueta com o preço, mas realmente não queria andar sempre com as mesmas roupas, com os mesmos sapatos e, como tal, comprei umas leggings violeta e uma t-shirt larga com um estampado de flores. Quis ficar com as peças vestidas, não as despir mais. O meu irmão comprou doces e uma peruca, que ele colocou logo. A Anne comprou uma boneca loura para a irmã pequena e o Baba um anel para a Anne que lhe deixou o dedo verde passados poucos dias e perdeu o dourado. Nunca o tirou do dedo. A pedra em plástico caiu repetidamente, ele colava-o de novo a cada vez. Todos os meses íamos à cidade, assim que o Baba recebia o seu salário na conta bancária. Sabíamos todos que não podíamos gastar muito dinheiro, mas aquele dia era sempre o mais belo. Íamos comer ao McDonald's, por vezes a uma pizzaria, o Baba gostava de pizza. Eu observava-o a cortá-la em pequenos pedaços, dobrando cada pedaço ainda com o garfo, antes de o levar à boca. Tentava imitá-lo, porém eu era demasiado apressada e acabava por comer fatias grandes à mão.

Quando tínhamos dinheiro, o Baba e a Anne riam amiúde. Quando não tínhamos dinheiro, fumavam muito e ficávamos por casa. Eles discutiam, nós chorávamos no nosso quarto. O meu irmão e eu dizíamos: se agora a luz se acender, vamos ficar ricos. Ou: se começar agora mesmo a chover, vamos ganhar na lotaria.

A Anne agarra-se com força ao meu braço quando vou com ela, não precisa do bastão para se guiar. No lugar onde pousa a sua mão aquece o meu braço. O anel com a pedra verde que lhe deste usa-o no anelar. Já não deixa marca de cor, diz-me, quando o faço girar várias vezes em redor do dedo dela. A Anne sempre teve as mãos quentes. Ela diz que aqueles que têm as mãos quentes recebem muito amor. Tu amaste-a muito. Quando digo que as minhas mãos estão sempre frias, ela toma-as nas suas, aquece-as e diz: Não é verdade. Não digas tontices.

Pergunta-me se tem as mãos enrugadas. Não, digo-lhe, não tens rugas nenhuma, nem sequer na cara.

Sorri e sabe que estou a mentir.

Eu não sabia que seria ela a estar os últimos cinco minutos com o Baba. Ele estava sentado no sofá a ouvir música. Nós falávamos sobre o apartamento que o Baba queria ir ver com a Anne. Na manhã seguinte, queixava-se de dores no ombro, portanto a Anne quis adiar a visita. Mas ele queria muito ver o apartamento. Entraram no Mercedes vermelho e foram em direção a Bümpliz. Cinco minutos depois, o coração de Baba deixou de bater. E então a Anne soltou um grito agudo.

No dia do banho fomos todos conduzidos para os balneários do gimnodesportivo da Escola de Brunnmatt, sito na *Effingstrasse*. As mulheres partilharam um chuveiro com as raparigas, os homens o outro com os rapazes.

Quando as mulheres e as raparigas começaram a despir-se, fugi para o corredor. A Anne seguiu-me e sentou-se ao pé de mim no soalho frio. Ali ficámos sentadas, até todos terem terminado o seu duche e abandonado os balneários.

Então levantámo-nos e entrámos nos balneários vazios. A Anne voltou-me as costas e procurou algo na mala dela, até eu me ter despido e envolvido o corpo nu numa toalha de banho. Apressei-me a tomar o duche. Quando tinha terminado, a Anne passou por mim, embrulhada numa toalha, e entrou no chuveiro. Vesti-me, penteiei o cabelo e arrumei as minhas coisas na mala. Após pouco tempo, a Anne saiu do duche e eu fui à casa de banho. Voltei e a Anne já se tinha vestido. Banhadas de fresco, pusemo-nos a caminho do Bunker. Era o nosso primeiro alojamento na Suíça. O letreiro luminoso do Hospital Académico da Insel encandeava-me enquanto atravessávamos o pátio escuro da escola.



Letra – Portal de Literatura Contemporânea Alemã
Goethe-Institut Portugal
Campo dos Mártires da Pátria, 37
1169-016 Lisboa | Portugal

www.goethe.de/portugal/literatura
biblioteca.lisboa@goethe.de